

O FUNDADOR DA PUC*

Antonio Carlos Villaça
Academia Brasileira de Filosofia

* Este texto foi originalmente publicado no *Jornal do Brasil*, no dia 21 de dezembro de 1992.

O centenário de Leonel Franca me faz recordar uma das figuras mais impressionantes que conheci na minha já longa vida. Foi Álvaro Americano quem nos apresentou. E não me esqueço da sensação de força física que me transmitiu, ele, que era tão magro, tão frágil, mas tinha a ossatura poderosa (como a de Drummond) e as mãos abrangentes de um Mário de Andrade, que nasceu no mesmo ano. Leonel Edgar da Silveira Franca, em São Gabriel, no Rio Grande, mas de família baiana (era parente de dom Antônio de Macedo Costa). A 6 de janeiro de 1893, mas registrado a 7.

O pai era engenheiro e servia no Rio Grande. Não, não me esquecerei jamais daquelas mãos fortíssimas, que apertei pela primeira vez em 1947, quando ele já estava com 54 anos. Mãos como as de Getúlio Vargas. Que poder incrível havia naquelas mãos. E os olhos eram tristes, eram olhos de místico.

Um menino jogava futebol no Colégio Anchieta, em Friburgo, no ano de 1908. Um menino de 15 anos, estudiosíssimo. Colega de Sobral Pinto. De repente, a crise cardíaca, em pleno jogo, a primeira crise cardíaca. O rapazinho foi às pressas para a enfermaria, entre a vida e a morte. Galdino do Vale, chamado imediatamente, fez um prognóstico sombrio. E o menino prometeu a Deus que, se ficasse bom, seria jesuíta.

Cumpriu a promessa. Jesuíta, polemista, místico, homem de ação, erudito, mestre espiritual. E morreu com 55 anos, a mesma idade de

Farias Brito, cujo pampsiquismo panteísta estudou com tanto rigor. Com Farias e com Sílvio Romero ele foi severíssimo.

Uma das últimas vezes que o vi, conversava com Guilherme Guinle, no pátio da PUC, ainda na Rua São Clemente, em Botafogo, e Guilherme tinha sido seu colega em Friburgo. Que dignidade, que sobriedade, ao tratar com o homem rico, que era colecionador de orquídeas. E seu vizinho. O traço mais nítido do padre Leonel Franca era a dignidade.

Sempre doente, uma espécie de figura de vitral, publicou uns 10 livros, fundou e dirigiu por sete anos uma Universidade, a primeira Universidade Católica do Brasil, a que deu por lema — *Alis nil grave* (às asas nada é pesado). E ainda deixou inéditos os ensaios, que logo se publicaram — *A formação da personalidade*, *O método pedagógico dos jesuítas*, *Liberdade e determinismo* e *O problema de Deus*.

Pertenceu à fase das polêmicas. E famosas ficaram as suas discussões doutrinárias com José Oiticica, Otoniel Mota e Eduardo Carlos Pereira. Discutiu com Menotti del Picchia sobre o divórcio. E os livros, que o representam, se chamam *A Igreja*, *a Reforma* e *a Civilização*, recebido entusiasticamente por Tristão de Ataíde e Carlos de Laet, *A psicologia da fé* e *A crise do mundo moderno*, seu último livro, que Henrique Vaz considera “o mais bem-sucedido ensaio brasileiro no plano da filosofia da cultura”.

Integrava-se na vertente mística da Companhia de Jesus, a de Lallemant e de Surin. Era um homem sobretudo de vida interior. Nele, o mestre espiritual e o conferencista erudito se completavam harmoniosamente. Três fatores o marcaram decisivamente — a formação ascético-mística da sua Ordem (e escreveu um artigo definitivo sobre a Companhia de Jesus, em 1940, no seu quarto centenário), o temperamento introvertido e a doença, que sempre o acompanhou, durante 40 anos.

A polêmica vivaz com Oiticica vinha da morte de Mercier, por quem tinha um carinho tão especial. O último tema da sua vida foi a democracia, como está no admirável texto da sua conferência no Itamarati sobre *Rumos da Democracia*, de invejável densidade doutrinária. Seu plano foi o da história da filosofia e da filosofia da história. Fundou e dirigiu a revista de cultura *Verbum*, em que publicou o notável estudo sobre *Catolicismo e Totalitarismo*, uma das suas melhores elaborações.

O prefácio à sua tradução do *Ratio Studiorum* é outro estudo fundamental. Como também o discurso de dezembro de 1947, quando a Universidade recebeu o título de Pontifícia e ele falou sobre a missão da cultura católica. Esse discurso muito sóbrio é um dos textos mais

belos que já se escreveram no Brasil. Quando eu lhe disse isto, no seu pequeno gabinete de trabalho, ele sorriu com aquele sorriso melancólico e me replicou — “mas é apenas um discurso de circunstância”... Inesquecível Padre Franca.

Ele representou o equilíbrio no movimento de renovação católica no Brasil, depois da Primeira Guerra. A revelação do valor cultural do Catolicismo foi a sua missão específica entre nós. A doença o transfigurou, libertou-o de si mesmo. As notas espirituais tão profundas e precisas o que nos mostram é um homem de intensa e exigente vida interior, vivida longamente em plenitude.

Endereço do autor:
Praia do Flamengo, 172 / 9º andar
22210-030 — Rio de Janeiro — RJ